



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG
MEDICINA VETERINÁRIA

EPIDERMITE SUÍNA: ANÁLISE CLÍNICA E TERAPÊUTICA DA INFECÇÃO

Ítalo Galdino Vaz Roberto

Manhuaçu / MG

2025

ÍTALO GALDINO VAZ ROBERTO

EPIDERMITE SUÍNA: ANÁLISE CLÍNICA E TERAPÊUTICA DA INFECÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Superior de Medicina Veterinária do Centro Universitário UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Dr. Marco Aurélio Prata

Coorientador: Prof. Esp. Jefferson Luiz Ventura

Manhuaçu / MG

2025

ÍTALO GALDINO VAZ ROBERTO

EPIDERMITE SUÍNA: ANÁLISE CLÍNICA E TERAPÊUTICA DA INFECÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Curso de Superior de
Medicina Veterinária do Centro Universitário
UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Dr. Marco Aurélio Prata

Coorientador: Prof. Esp. Jefferson Luiz
Ventura

Banca Examinadora:

Data da Aprovação: 25/11/25

Prof. Dr. Marco Aurélio Prata – UNIFACIG (Orientador)

Prof. Esp. Jefferson Luiz Ventura – UNIFACIG (Coorientador)

Prof. Dr. Marcos Vinícius de Souza - UNIFACIG

RESUMO

Com o crescimento da atividade suína no Brasil, aumenta-se a produção nas granjas, gerando superlotação e criando um ambiente próspero para a manifestação de doenças, principalmente de caráter infeccioso, visto que nem sempre são adotados protocolos sanitários de desinfecção. Este estudo tem como objetivo apresentar um relato de caso sobre a epidermite em suínos, causada pela bactéria *Staphylococcus hyicus*, que acomete principalmente leitões recém desmamados e em fase de creche. O diagnóstico da doença foi realizado pelos sinais clínicos, distribuição e progressão das lesões na pele, características da doença. Como forma de tratamento foram adotadas duas formas: medicamentoso e de uso externo, utilizadas em conjunto visando maior eficácia e contribuindo para a cura total do paciente. Quanto ao tratamento adotado, ele se mostrou eficiente, visto que foi encaminhado de acordo com protocolos exigidos pela granja e acompanhado pelo médico veterinário responsável.

Palavras-chave: *Staphylococcus hyicus*. Doenças de pele. Suinocultura.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
1.1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	6
1.2. SINAIS CLÍNICOS E DIAGNÓSTICO	7
1.3. TRATAMENTO E CONTROLE DA EPIDERMITE.....	9
2. RELATO DE CASO.....	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
5. REFERÊNCIAS	17

1. INTRODUÇÃO

A suinocultura no Brasil é uma atividade pecuária bem consolidada e apresenta perspectivas bastante promissoras, desempenhando um papel relevante não apenas na economia nacional, mas também no mercado global. De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção de carne suína brasileira pode chegar a 5,42 milhões de toneladas em 2025, com uma estimativa de exportação de até 1,45 milhão de toneladas, enquanto cerca de 4 milhões de toneladas seriam destinadas ao mercado interno. (ABPA, SECEX, 2025; CNN, 2025).

Devido à forte demanda, a carne suína é especialmente procurada por oferecer um preço atraente, elevada segurança sanitária e uma ampla variedade de produtos. Ela pode ser consumida in natura (cortes frescos sem processamento), processada/industrializada (curada, defumada, cozida ou fermentada, a partir da carne, da pele ou da gordura) e também em versões especiais ou gourmet (curadas por longos períodos, com ervas, especiarias ou técnicas culinárias europeias) (ABCS, 2022).

Para atender aos altos níveis de produção, os suínos são criados em sistemas intensivos, o que aumenta a concentração de animais nas mesmas instalações, juntamente com a expansão das granjas em diferentes regiões. Essa situação eleva o risco de aparecimento e disseminação de doenças infecciosas (BARCELOS et al., 2008).

Segundo um estudo realizado por Brum (2013) na região de Santa Maria (RS), constatou-se que as infecções bacterianas eram responsáveis pela maior parte das mortes dos animais, a *epidermite exsudativa* ocupou o quarto lugar entre as doenças mais comuns, representando 5,4% da mortalidade. Diversas medidas de manejo e higiene têm sido adotadas com o objetivo de diminuir a ocorrência de enfermidades nas granjas, incluindo problemas dermatológicos, que podem levar a alta mortalidade e ao descarte completo das carcaças.

Além disso, a pele suína representa um subproduto com alto valor para a indústria alimentícia, sendo aproveitada na produção de embutidos e de alimentos que exigem ingredientes ricos em colágeno. Também é utilizada como matéria-prima para a fabricação de artigos de couro (como roupas e acessórios) no setor têxtil (SCHILLING et al., 2003; SALMON, 2004; PEREIRA, 2021).

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de caso descrevendo sua apresentação clínica, o manejo e evolução de um episódio de epidermite em leitão de 40 dias em sistema de produção comercial.

1.1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A pele é o maior órgão do corpo, chegando a representar entre 12 % e 24 % do peso corporal. Ela desempenha papéis essenciais na termorregulação, no metabolismo de vitaminas, na regulação imunológica, no equilíbrio eletrolítico, na ação antimicrobiana e nas percepções sensoriais. Funciona como uma barreira anatômica e funcional completa entre o organismo e o ambiente externo. (DOSTER, 1995; TORRISON; CAMERON, 2019; PEREIRA, 2021).

Uma série de doenças pode atingir a pele dos suínos, podendo ter origem infecciosa (como parasitas, fungos, vírus ou bactérias), genética, ligada à nutrição, neoplásica (crescimento anormal de células) ou ambiental (provocada por poluição, condições climáticas, manejo inadequado, presença de substâncias tóxicas ou falta de saneamento (JACKSON; COCKCROFT, 2007; TORRISON; CAMERON, 2019, PEREIRA, 2021).

Entre as doenças conhecidas, a infecção por *Staphylococcus hyicus* provoca a Epidermite Exsudativa (EE), enfermidade que afeta principalmente leitões lactantes e recém-desmamados. Essa bactéria integra a microbiota natural dos suínos, sendo encontrada em tecidos mucosos, e necessita de fatores predisponentes para se desenvolver, como, por exemplo, lesões decorrentes de brigas ou manejos inadequados durante castrações ou caudotomia, procedimento que envolve o corte ou remoção parcial da cauda dos leitões (MOTTA, 2012).

A EE é uma doença conhecida há mais de 160 anos e possui sintomas bem claros e fáceis de serem identificados, esta bactéria foi descrita em bibliografia pela primeira vez por Sompolinsky em 1953 como *Micrococcus hyicus*, mas posteriormente foi reintitulada de *Staphylococcus hyicus* por Baird-Parker em 1965 (MOTTA, 2012).

A *erisipela suína*, é um outro exemplo de doença infectocontagiosa, porém esta é de caráter zoonótico, causada mais comumente nos suínos pela bactéria *Erysipelothrix rhusiopathiae*. É encontrada frequentemente em efluentes de esgoto, no solo ou abatedouros, sendo os suínos considerados o maior reservatório da doença (BARBOSA, 2023).

Sua transmissão pode ser de forma direta (de animal para animal por meio de secreções, fezes ou ferimentos na pele) ou indireta (através de objetos, água ou ingestão de alimentos contaminados). Pode acometer suínos de todas as idades, porém, animais entre 2 e 12 meses e porcas gestantes são mais suscetíveis à doença (BARBOSA, 2023; BARCELOS et al., 2008).

A *epidermite exsudativa* e a *erisipela suína* são duas doenças de origem bacteriana que podem ser facilmente confundidas, pois, apesar de serem causadas por bactérias distintas, suas apresentações iniciais podem envolver a inflamação da pele e normalmente acometem animais mais jovens, podendo gerar confusão no momento do diagnóstico clínico (BARBOSA, 2023; BARCELOS et al., 2008).

1.2. SINAIS CLÍNICOS E DIAGNÓSTICO

Os sinais clínicos mais evidentes da *epidermite exsudativa* surgem principalmente em leitões durante as fases de maternidade e creche, sendo incomuns em suínos adultos. As duas formas clínicas mais frequentes são: a generalizada, observada principalmente em leitões lactantes, e a localizada, que geralmente aparece após o desmame e durante a fase de creche, sendo esta última menos comum (WHITE, 2018; TIGRE, 2018).

Em sua forma generalizada, o animal manifesta apatia, diarreia e mudanças na coloração da pele já nas fases iniciais do quadro clínico. À medida que a enfermidade progride, costumam aparecer vesículas, primeiramente ao redor dos olhos e na face externa das orelhas, espalhando-se posteriormente para o restante da cabeça, região abdominal, parte interna dos membros e laterais do corpo. Essas lesões originam vesículas secundárias, que se rompem, provocando exsudação e vermelhidão, levando à formação de crostas que se disseminam rapidamente pelo corpo e adquirem tonalidade escura devido ao contato com a sujeira presente nas instalações onde o animal é mantido., como ilustrado na figura abaixo (BARUAH, et al., 2016, TIGRE, 2018).

FIGURA 01 - Leitão com 27 dias de idade apresentando a doença *epidermite exsudativa* em sua forma generalizada.



Fonte: TIGRE, 2018.

Na forma localizada, a doença se caracteriza por pequenas lesões cutâneas circunscritas e surgem principalmente na região dorsal lateral do pescoço e se mostram recobertas por crostas (TIGRE, 2018).

FIGURA 02 - Leitão a doença *epidermite exsudativa* em sua forma localizada.



Fonte: TIGRE, 2018.

Em uma cria com leitegada afetada, normalmente são observados cerca de 2 leitões com sinais clínicos da *epidermite exsudativa* e mais comumente em machos. A recuperação dos animais afetados é lenta e pode ocasionar retardamento do crescimento dos leitões afetados (TIGRE, 2018).

Geralmente, os sinais clínicos já permitem suspeitar da enfermidade, porém, para confirmar o diagnóstico de forma precisa, é indispensável coletar amostras dos animais. As biópsias, por exemplo, devem abranger todas as camadas da pele (epiderme, derme e tecido subcutâneo) para que seja possível realizar a análise histopatológica, permitindo a detecção direta de bactérias e fungos presentes na cútis. (BARUAH et al, 2016; TIGRE, 2018).

1.3. TRATAMENTO E CONTROLE DA EPIDERMITE

Por se tratar de uma enfermidade de origem bacteriana, a terapia com antibióticos apresenta alta eficácia, desde que o medicamento selecionado seja o mais adequado, considerando o perfil de sensibilidade do animal. O tratamento apresenta melhores resultados quando iniciado nas fases iniciais da doença, pois animais gravemente afetados, especialmente aqueles com comprometimento renal, podem apresentar resposta limitada à terapia (SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, 2007).

De acordo com um estudo conduzido por VITOR et al. (2013), a bactéria *Staphylococcus hyicus* apresenta resistência a diversos antimicrobianos, incluindo amoxicilina, ampicilina, eritromicina e cloranfenicol, enquanto demonstra boa sensibilidade a *rifampicina*, *levofloxacina*, *ciprofloxacina* e *norfloxacina*.

O tratamento deve ser mantido por, no mínimo, 3 a 5 dias nos animais que apresentam sinais clínicos, e recomenda-se também medicar toda a leitegada, mesmo os indivíduos assintomáticos, para garantir o controle da enfermidade. Além da administração de antimicrobianos, é importante assegurar a reposição de fluidos, oferecendo água limpa à vontade. Embora não haja uma definição clara sobre a real eficácia de terapias tópicas com antibióticos ou desinfetantes cutâneos, esses procedimentos ainda são amplamente empregados (PARK, 2011).

Outra estratégia de prevenção da doença é a vacinação das fêmeas recém-aloadas com vacinas que contenham células bacterianas e toxina exfoliativa. Recomenda-se administrar a vacina antes do parto, pois o colostro proporciona imunidade passiva aos leitões nas primeiras semanas de vida, permitindo a neutralização da toxina na pele dos animais. É fundamental diferenciar as cepas virulentas e não virulentas de *Staphylococcus hyicus* por meio de testes laboratoriais,

utilizando apenas as cepas patogênicas na fabricação de vacinas eficazes (KARRIKERI et al., 2012).

O controle da epidermite é feito principalmente através de cuidados no momento do manejo dos animais, evitando ocasionar lesões de pele, que resultam na porta de entrada para o vírus no corpo dos animais. Segundo TAKEUTI; JACOB; BARCELOS (2013) as principais medidas a serem adotadas para se evitar a contaminação são: antissepsia (higienização da pele e instrumentos antes de procedimentos cirúrgicos) em práticas de manejos como tratamento de umbigos, marcação, castração, corte da cauda e aplicações hipodérmicas; manejo adequado do corte ou desgastes de dentes dos leitões (adotando cuidados com a higienização de alicates e desgastadores); garantir que as superfícies de contato, principalmente os pisos, com as quais os animais entram em contato não sejam excessivamente abrasivas; adotar uma série de medidas visando melhorar o bem-estar animal (por exemplo, evitar situações estressantes); evitar a superlotação das baias, seguindo os protocolos sanitários; deve-se diminuir a pressão de infecção ambiental nas creches, através de limpeza adequada e desinfecção dos ambientes e equipamentos; respeitar o período de vazio sanitário de 3 a 5 dias nas salas de maternidade e de 5-7 dias nas creches; e por último, durante o período de ocupação manter as salas de acordo com os protocolos de vigilância sanitária, com as instalações ventiladas, secas e limpas, retirando frequentemente fezes, sujidades e secreções dos animais.

2. RELATO DE CASO

O presente caso ocorreu no mês de agosto de 2024, em uma granja de suínos localizada na região da Zona da Mata, em Minas Gerais. Um animal macho de 40 dias de idade foi identificado no dia da vacinação com os seguintes sinais clínicos: 10 (dez) lesões nas regiões do corpo, barriga, perna, costela e região lombar. As lesões possuíam diâmetro de cerca de 1cm (um centímetro) a 2cm (dois centímetros) de circunferência, como ilustrado na Figura 03. No momento da identificação, as lesões tinham o formato de pequenas vesículas hiperêmicas, que ao se romperem drenavam exsudato amarelado claro aquoso e formavam uma crosta na ferida e odor forte. O leitão estava inserido em uma sala com 06 baias, sendo 40 animais em cada baia, totalizando 240 animais e classificado em um lote com 323 leitões.

Figura 03 – Imagem aproximada da pele do leitão no dia da identificação da doença.



Fonte: Ventura, 2024.

Ao exame clínico do animal observou-se além das lesões, febre, animal alimentando-se bem, hidratado, porém já com sinais de apatia (isolando-se dos outros animais). Após avaliação do animal, este foi levado para uma baia restrita (hospital) a fim de se evitar a contaminação nos demais animais e seu isolamento para o início do tratamento.

Não foram realizados testes laboratoriais para identificação do agente causal da doença observada, no entanto devido às lesões características na pele e os sinais clínicos apresentados, o animal foi diagnosticado de forma sugestiva como epidermite, cujo o agente causal é a *Staphylococcus hyicus*. Como forma de prevenção manteve-se o monitoramento nos demais animais localizados na mesma sala que o leitão infectado a fim de se evitar a proliferação da doença.

A decisão de se tratar a doença do leitão como uma *epidermite* se deve a um protocolo interno da empresa, baseando-se nos sintomas diagnosticados no animal. Esse procedimento normalmente é padrão de granjas que não possuem os meios e equipamentos necessários para a realização dos exames específicos para a conclusão do quadro. Sendo assim, foi realizado apenas o diagnóstico clínico e iniciado o tratamento para se acompanhar a evolução do caso.

De acordo com o diagnóstico clínico, o tratamento iniciou-se no dia 15 de agosto de 2024, com duração de 20 dias, sendo realizado em duas etapas: medicamentoso e de uso externo.

Foi estabelecido o seguinte protocolo terapêutico para o animal:

- Antimicrobiano: nome comercial *Tylan 200* (tilosina base), antibiótico macrolídeo predominantemente bacteriostático contra Gram-positivos e microplasmas. Foi aplicada a dose de 1ml/20kg/PV, 01 vez ao dia x 03 dias, via intramuscular. Dose recomendada pelo Guia Terapêutico Veterinário (VIANA, 2019).

- Antitérmico: nome comercial *Pironal* (dipirona sódica base), analgésico, antipirético e anti-inflamatório, indicado principalmente para o alívio da dor e febre. Foi recomendada dose de 5ml de 8/8hrs, via intramuscular, até a remissão da febre. A dosagem é muito variável de acordo o tipo do animal, peso e condição a ser tratada, a dosagem foi feita de acordo com a indicada no Guia Terapêutico Veterinário (VIANA, 2019).

- *Ivermectina 1*: anti-helmíntico e anti-ectoparasitário, indicado para o tratamento de verminosas causadas por nematoides e para tratamento de infestação de parasitas externos. Foi utilizada a dosagem de 1ml/33kg/PV, dose única, via subcutânea, como foi recomendado pelo Guia Terapêutico Veterinário (VIANA, 2019).

No tratamento de uso externo utilizou-se o banho de permanganato de potássio 01 vez ao dia x 03 dias, utilizando a diluição de 7mg/litro de água, na parte da manhã, dose indicada pelo Guia Terapêutico Veterinário (VIANA, 2019). Foi prescrito devido suas propriedades antissépticas para limpar e desinfetar feridas, úlceras e outras lesões na pele dos suínos, ajudando na cicatrização e prevenção de infecções; e o uso de óleo de girassol (passado em todo corpo 01 vez ao dia até a cicatrização completa da lesão), rico em antioxidantes e vitaminas, promovendo a hidratação da pele e auxiliando na cicatrização das feridas (VIANA, 2019).

Após 03 dias do diagnóstico (Figura 04) as lesões já se espalhavam pelo corpo do animal e, após 05 dias de identificação da enfermidade (Figura 05), o leitão já se encontrava com ferimentos espalhados por todo o corpo, formando uma crosta com um odor forte, mas mantendo um estado clínico estável.

Figura 04 – Imagem do leitão após 03 dias da identificação da doença.



Fonte: Ventura, 2024.

Figura 05 – Imagem do leitão após 05 dias da identificação da doença.



Fonte: Ventura, 2024

Passados 10 dias desde o início do tratamento, observou-se melhora significativa das lesões cutâneas e evolução favorável do quadro clínico do leitão. Já havia sido suspenso o uso do tratamento medicamentoso e banho de permanganato de potássio, como indicado no parágrafo da prescrição dos medicamentos. O óleo de girassol permaneceu sendo utilizado como agente emoliente e hidratação da pele até completados os 20 dias de tratamento, período em que as feridas apresentaram cicatrização progressiva, culminando com o encerramento do protocolo terapêutico (Figura 06).

Figura 06 – Imagem do leitão após o fim do tratamento, aos 20 dias.



Fonte: Ventura, 2024.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Motta (2012) e o estudo de caso pode-se observar, principalmente, a importância de um diagnóstico preciso e antecipado a fim de se diminuir o agravamento dos sintomas e riscos para a vida do animal. Após a identificação da enfermidade, deve-se isolar o animal e começar o tratamento.

O tratamento medicamentoso adotado inclui a *ivermectina*, que é frequentemente utilizada para o controle de fatores de risco, ajudando a prevenir que as lesões cutâneas dos animais se tornem uma porta de entrada para bactérias e parasitas. Quando indicada para o tratamento de infecções, deve ser combinada com antibióticos específicos, conforme prescrição médica.

Já a *tilosina* (nome comercial: Tylan 200) é eficaz no combate a infecções causadas por bactérias gram-positivas e micoplasmas, agindo na inibição da síntese proteica bacteriana. Isso impede a produção de proteínas essenciais pelas bactérias, levando à sua inibição do crescimento e morte. A *tilosina* é eficaz no tratamento de doenças de pele, mas somente quando a causa é bacteriana, e sua ação é potencializada quando combinada com o uso de antissépticos. (SANTOS, L. E.; *et al*, 2017).

O antitérmico prescrito, o *pironal*, foi recomendado em caso de febre, porém não foi utilizado, visto que em nenhum momento o animal apresentou elevação da temperatura corporal, como relatado na descrição dos sintomas (SANTOS, L. E.; *et al*, 2017).

Já no tratamento de uso externo, é mais usual se utilizar o banho com o iodo 10% (antisséptico iodado) ao invés do banho do permanganato de potássio (agente oxidante forte) como antisséptico para tratar lesões de pele, porém, mesmo ambos tendo funções semelhantes, eles agem de forma diferente no banho terapêutico. O iodo 10% é indicado para limpar e desinfetar a pele dos leitões, diminuindo a produção de bactérias nas lesões cutâneas, sendo mais eficiente no estágio inicial da doença. Já o permanganato de potássio melhora a cicatrização seca as lesões úmidas e reduz o exsudato, mais indicado para a fase de recuperação. Ambos os medicamentos podem ser utilizados em conjunto para maior eficiência. No tratamento em questão foi-se utilizado o permanganato de potássio pela doença já se encontrar em estágio mais avançado e necessitar de um agente para a recuperação da pele (SANTOS, 2017; WANNMACHER, 2010).

O permanganato de potássio é um medicamento incluso pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) no formulário terapêutico para tratamento de curativos, agindo na destruição da parede bacteriana. É amplamente utilizado como antisséptico e em banhos terapêuticos para alívio sintomático das lesões cutâneas. (SANTOS, 2017; WANNMACHER, 2010).

Em relação a seus efeitos, não se pode afirmar comprovadamente sua eficácia por ainda não possuir suas ações esclarecidas em literatura, principalmente em relação a sua ação bacteriana porém, de acordo com os autores Moura, Almeida e Silva (2019), em estudo de caso realizado em equinos que apresentavam feridas expostas evoluídas, o permanganato de potássio demonstrou ser eficaz e um ótimo agente para o tratamento de lesões na pele, pois contribuiu para a secagem das feridas, evitando a formação de exsudato e sem causar danos ao tecido saudável. Dessa forma, mostrou-se eficiente como antisséptico de aplicação tópica no uso clínico rotineiro.

O óleo de girassol se classifica como um óleo essencial com propriedades medicinais, cujo a eficácia vem sendo difundida por diversos estudos ao longo dos anos e é indicado para tratamentos cutâneos não muito agressivos e agindo nos processos inflamatórios (TORRES, et al, 2021; FERREIRA, et al, 2011).

Devido às suas propriedades hidratantes e emolientes, o óleo de girassol ajuda a evitar o ressecamento da pele, reforça a barreira cutânea e previne o surgimento de crostas e rachaduras, reduzindo assim a dor e o desconforto associados aos sintomas da enfermidade. Segundo Assis (2020) tal eficácia é devida a sua alta concentração de

ácidos (linoleico, linolênico e oleico), tendo características anti-inflamatórias, bactericidas e antissépticas.

Conforme descrito em um relato de caso publicado por Melo (*et al*, 2021) sobre feridas abertas em cães, observou-se que o tratamento fitoterápico empregado — incluindo o uso de óleo de girassol — apresentou elevada eficácia, proporcionando a recuperação total do animal e configurando uma opção de baixo custo. O óleo demonstrou acelerar o processo de regeneração cutânea; contudo, ainda existem poucos registros de sua aplicação na medicina veterinária, sendo seu uso mais comum em tratamentos voltados à saúde humana (TORRES *et al.*, 2021).

Dentre as principais causas da disseminação da doença, estão a falta de cuidados sanitários, má ventilação e limpeza do habitat, sendo muito comum também, o não cumprimento do prazo de vazio sanitário, sugerido para se evitar a proliferação das doenças de um lote para outro (MOTTA, 2012).

Esse cenário provavelmente decorre de falhas no manejo dos animais, como excesso de suínos por baia, desmame realizado muito cedo, mistura de diferentes lotes e presença de enfermidades que comprometem o sistema imunológico. Com a expansão da suinocultura no Brasil, surtos da doença têm se tornado mais frequentes nas propriedades, sobretudo devido à superlotação das instalações e à falta de protocolos adequados de higiene e desinfecção, criando condições favoráveis para a proliferação e estabelecimento da enfermidade (MOTTA, 2012).

4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto ao protocolo utilizado neste tratamento, ele se mostrou eficiente dentro do manejo desta granja, visto que o animal se adaptou e se recuperou completamente ao fim do tratamento. Faz -se a necessidade de coleta de material das lesões para identificação do agente causal, bem como realização de cultura e antibiograma para identificar o melhor fármaco a ser utilizado nos tratamentos dos animais que puderem vir a manifestar a mesma sintomatologia clínica futuramente,

Quanto antes diagnosticados, os animais podem ser isolados para início do tratamento, que tem maior eficácia quando realizado nos primeiros sintomas da doença e, também, evitar a contaminação dos demais animais que compartilham a baia.

5. REFERÊNCIAS

- TIGRE, Caroline. **Epidermite Exsudativa**. 2018. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba, 2018.
- PEREIRA, Paula. **Lesões de Pele em Suínos**. 2021. 41 f. Programa de Pós Graduação em Ciências Veterinárias – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- TAQUES, Jackeline. **Epidermite exsudativa suína**: Relato de caso. Centro Universitário Campo Real, Guarapuava, Paraná, 2020.
- MOTTA, Alana. **Epidermite Exsudativa em Suínos**: Caracterização da doença e dinâmica da infecção. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- SANTIN, Ricardo. **Panorama e Perspectivas sobre a Avicultura e Suinocultura Brasileiras**: Câmara Setorial da Cadeira Produtiva de Aves e Suínos. Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), 2025.
- MOTTA, Alana; BIONDO, Nathalha; SATO, José; BARCELLOS, David. **Epidermite exsudativa em suínos. A hora da veterinária**, ano 31, nº 181, maio/junho 2011.
- MIELE, Marcelo; FILHO, Jonas; MARTINS, Franco; SANDI, Ari. **O desenvolvimento da suinocultura brasileira nos últimos 35 anos**, capítulo 03, 2009.
- ABCS. **Manual brasileiro de boas práticas agropecuárias na produção de suínos**. Brasília, DF, 2011.
- MOTTA, A. L. **Epidermite exsudativa em suínos: caracterização da doença e dinâmica de infecção**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, 2012.
- OLIVEIRA, S. J. **Guia Bacteriológico Prático**. 3.ed. p.71-76 Canoas: ULBRA, 2012.
- TORTORA, G. J.; FUNKE, B. R.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 10ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2012. 934 p.
- SOBESTIANSKY, J.; BARCELLOS, D. **Doença dos Suínos**. Cânone Editorial, Goiânia. 2007.
- BRUM, J. S.; KONRADT, G.; BAZZI, T.; FIGHERA, R.; KOMMERS, G. D.; IRIGOYEN L. F.; BARROS, C. S. L.; **Características e frequência das doenças de suínos na Região Central do Rio Grande do Sul**. Pesq. Vet. Bras. 33 (10) 1208-1214. 2013.
- MIELE, M; MACHADO, J.S. **Panorama da carne suína brasileira**. Agroanalysis, v.30, n.1, p. 34-42, 2010.
- GOMES, M. F. M.; GIROTTO, A. F.; TALAMINI D. J. D. **Análise prospectiva do complexo agroindustrial dos suínos no Brasil**. Concórdia: EMBRAPA-CNPSEA, 1992, p.108.
- ABCS. **Carne Suína: a conquista do mercado interno**. P. 34. Brasília, 2009.

MOURA, R; ALMEIDA, I; SILVA,T. **Uso de permanganato de potássio em feridas cutâneas exsudativas em equinos tratadas por segunda intenção: Relato de caso.** Multivix. Vitória, 2019.

MELO, R; et al. **Utilização de óleo de girassol no tratamento de feridas cutâneas em cães.** XXIX Congresso de Iniciação Científica. UFPEL. Pelotas, 2021.

ABCS. **Com valores acessíveis, carne suína é opção mais vantajosa para os brasileiros.** Brasília, 2022.

BARBOSA, C. **Erisipela suína: uma revisão.** *Medicina Veterinária*, vol. 17, n. 4. Recife, 2023.

VIANA, F. **Guia Terapêutico Veterinário.** 4. ed. Lagoa Santa: Gráfica e Editora CEM, 2019.